

O espaço narrativo do corpo leproso em “O rei dos leprosos”, de Jack London

Bruno Silva de Oliveira *

<http://orcid.org/0009-0007-1186-2473>

Resumo: O presente artigo disserta sobre a imagem política e cultural do leproso, pensando os espaços que ele e a doença ocupam na sociedade, focando principalmente no corpo e no processo de abjeção pela qual ele passa no conto “O rei dos leprosos”, de Jack London, refletindo sobre os processos de exclusão que ele sofre. A reflexão aponta que o portador do bacilo de Hansen é um arauto de crises de categorias, um morto-vivo que perturba e desestabiliza pelas suas diferenças, ausências e excessos. Utilizou-se para referendar esta reflexão: Ahuja (2007), Cohen (2000) e Foucault (2001).

Palavras-chave: Corpo. Leproso. Jack London.

The narrative space of the leprous body in “Koolau the Leper”, by Jack London

Abstract: This article discusses the political and cultural image of the leper, thinking about the spaces that he and the disease occupy in society, focusing mainly on the body and the process of abjection that he goes through in the short story “Koolau the Leper”, by Jack London, reflecting on the processes of exclusion he suffers. The reflection points out that the carrier of Hansen's bacillus is a herald of crisis of categories, a living dead that disturbs and destabilizes due to its differences, absences and excesses. It was used to endorse this reflection: Ahuja (2007), Cohen (2000) and Foucault (2001).

Keywords: Body. Leper. Jack London.

El espacio narrativo del cuerpo leproso en “Koolau, el leproso”, de Jack London

Resumen: El artículo discute la imagen política y cultural del leproso, pensando en los espacios que él y la enfermedad ocupan en la sociedad, centrándose en el cuerpo y el proceso de abyección que atraviesa en el cuento “Koolau, el leproso”, de Jack London, reflexionando sobre los procesos de exclusión que sufre. La reflexión apunta que el portador del bacilo de Hansen es un mensajero de crisis de categoría, un muerto viviente que inquieta y desestabiliza por sus diferencias, ausencias y excesos. Se utilizó para avalar esta reflexión: Ahuja (2007), Cohen (2000) y Foucault (2001).

Palabras-clave: Cuerpo. Leproso. Jack London.

* Instituto Federal Goiano. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG), membro do Grupo de Pesquisa em Espacialidades Artísticas (GPEA/UFU) e do Grupo de Pesquisa e Estudos de Língua e Linguagem (IF Goiano), e professor efetivo do Instituto Federal Goiano (IF Goiano). E-mail: bruno.oliveira@ifgoiano.edu.br.



A hanseníase, conhecida também sob a alcunha de lepra, morfeia ou mal de Lázaro, é uma doença infectocontagiosa da qual se tem notícia há mais de quatro mil anos com casos na Índia, na China e no Japão. Acredita-se que a doença tenha surgido no Oriente e tenha se espalhado pelo mundo por meio de tribos nômades ou por navegadores. No passado, ela era associada à impureza, à desonra e ao pecado, sendo vista como uma forma de castigo. Por falta de um conhecimento especializado, a hanseníase era, muitas vezes, confundida com outras doenças como as de pele e as venéreas. Quando se tinha um pouco de conhecimento acerca da doença, se pressupunha que a transmissão dela ocorria por meio de um contato corporal mais íntimo, geralmente de natureza sexual, logo, pecaminoso. A Bíblia, obra que é a grande referência da cultura ocidental e o alicerce do imaginário popular ocidental, traz, no livro de Levítico, um relato extenso e detalhado sobre como o portador da hanseníase deve ser tratado.

Na literatura, a representação dos portadores do bacilo de Hansen dialoga com preceitos e crenças religiosos que permeiam o imaginário acerca deles, fato esse observado em contos como “As morféticas”, de Bernardo Élis, e “Pelo caiapó velho”, de Hugo de Carvalho Ramos, textos em que personagens leprosos têm posição de destaque dentro da narrativa e são os elementos desestabilizadores da norma. Entretanto, o leproso retratado por Jack London, em “O rei dos leprosos” – narrativa que pode ser identificada como “Koolau, o leproso”, dependendo da versão ou coletânea a qual o pesquisador tomará como base –, afasta-se da visão religiosa acerca da doença, mas não a nega.

O conto de Jack London sobre o qual aqui dissertamos tem como protagonista Koolau, líder de um grupo de leprosos insurgentes, que resistem à imposição de isolamento dos contaminados com o bacilo de Hansen, bem como à exploração e colonização por homens brancos que “divulgam a palavra divina e os que falam em nome do rum” (LONDON, 1961, p. 277), ou seja, o colonizador americano que explora a população do Havaí, arquipélago localizado no oceano pacífico.

O primeiro parágrafo desse conto expressa de forma nítida a questão social, tanto a relacionada aos leprosos como à exploração dos povos nativos das ilhas. O trecho abaixo ilustra esses fatos:

-Tiram-nos a liberdade porque somos doentes. Sempre respeitamos a lei, jamais cometemos um crime e, apesar disso, queremos enterrar na prisão. Vocês sabem tão bem como eu que Molokai é um verdadeiro cárcere. Estão vendo Niuli, ali? Pois bem: mandaram sua irmã, faz sete anos para Molokai. Ela não voltou, nem nunca voltará. Apodrecerá na prisão até morrer. Ela não procurou o cárcere. Niuli tampouco. Foram os homens brancos, que mandam aqui. E quem são êsses brancos? Nós não nos enganamos. Estão aqui desde quando viviam nossos pais. Chegaram como cordeirinhos, cheios de carinho para conosco. Dedicaram-se a domesticar-nos, porque éramos fortes e numerosos e possuíamos tôdas as ilhas. (LONDON, 1961, p. 277).

A frase que inicia o excerto expõe o protocolo sanitário para controle da disseminação da lepra: a exclusão social. Quando Koolau fala que lhes tiraram a liberdade, ele não se refere apenas ao cárcere, mas à possibilidade de ter bens, de casar-se/constituir ou manter uma família, ter direito à herança, entrar em estabelecimentos, entre outros.

Segundo Neel Ahuja, em *The contradictions of Colonial Dependency: Jack London, Leprosy, and Hawaiian Annexation* (2007), com a falta de tratamento para uma série de doenças que se confundiam, como a lepra e doenças venéreas, e com o desenvolvimento de tecnologias de navegação marítima que possibilitaram o comércio entre os povos banhados pelos oceanos Atlântico e Pacífico, “[...] as potências coloniais e seus aliados criminalizaram doenças na Índia, nas Filipinas, no Havai”¹ (AHUJA, 2007, p. 17, tradução nossa), como de outros territórios coloniais. Nas ilhas do Pacífico, espaço onde ocorre os fatos narrados, ocorreu um processo de marginalização, estigmatização e segregação dos povos colonizados/escravizados, dos nativos havaianos e dos povos orientais que foram levados para serem escravizados na região (chineses e japoneses), os quais eram portadores da lepra e, por isso, tiveram seus corpos, na visão dos colonizadores estadunidenses, considerados como um risco à segurança nacional, o que ocasionou a perda das liberdades.

¹ No original: “[...] colonial powers and their allies criminalized diseases in India, the Philippines, Hawaii.”

Koolau expõe que os nativos daquelas terras respeitavam as leis e que nada fizeram que justificasse o tratamento segregatório imputado a eles pelos estrangeiros que ali chegaram. Ele deixa claro, em sua fala, que as pessoas que vão para Molokai nunca voltam. Molokai é uma ilha equivalente aos leprosários instalados no Brasil, para onde os leprosos, entre outros indivíduos com comportamentos ou doenças indesejáveis, eram enviados para nunca mais retornarem ao convívio social das pessoas “sadias”. Como observado no conto, nem todos os portadores do bacilo de Hansen iam para os leprosários, visto que o texto não apresenta tal instituição; os leprosos de Jack London eram confinados em territórios apartados do convívio social, em lugares ermos, isolados, à margem, ou seja, fora da possibilidade de contato. Isso é o que se convencionou chamar de isolamento compulsório.

Ao criminalizar os leprosos e exportá-los para Molokai, os colonizadores estadunidenses marginalizam esses doentes, os empurram para fora do centro e para além da fronteira, estabelecendo um paradigma do que é e do que não é aceito na região. Molokai é o espaço dos indesejáveis, para onde os leprosos vão e de onde nunca poderão sair. Essa ilha é um símbolo de exclusão e segregação para onde os indesejáveis e os excluídos eram enviados, uma prisão sem muros e a céu aberto para os que ali eram lançados, um estreito espaço de terra firme cercado de água salgada por todos os lados, não possuindo nenhuma ligação física com o continente ou com as demais ilhas do Havaí.

Ainda no excerto, o protagonista expõe o processo de colonização pelo qual as ilhas que compõem o arquipélago do Havaí passaram: primeiro, os estadunidenses chegaram ao território e comportaram-se de forma amigável para depois modificar a forma de interação e apropriarem-se dos bens e insumos locais pertencentes anteriormente aos nativos. Ou seja, no início da narrativa, apresenta-se ao leitor um conflito além da segregação em razão da lepra, uma tensão entre nativos e colonizadores. A colonização nas ilhas do Pacífico foi marcada pelo sistema de exploração, em que o colonizador impõe a sua vontade perante os nativos, visando extrair de forma predatória recursos naturais e se apropriar de bens e insumos da região.

O arquipélago do Havaí foi utilizado como uma base de apoio para as viagens marítimas que cruzavam o Oceano Pacífico, até a sua total submissão aos interesses

estadunidenses quando foram anexados ao território dos Estados Unidos, em 1898. A anexação do território havaiano foi conturbada, marcada por crises políticas internas, um golpe que depôs a monarquia e pelo desprezo à opinião da comunidade local, que redigiu um documento expondo a vontade de não fazerem parte do território estadunidense, que foi assinado pela maioria da população do arquipélago. Esse abaixo-assinado foi encaminhado ao senado dos Estados Unidos, que o ignorou e impôs a vontade e os interesses imperialistas estadunidenses. Após a anexação das ilhas havaianas pelos Estados Unidos, a comunidade local perde voz, passa a ser ainda mais explorada e vê seu território e seus bens serem loteados e repassados para as mãos do colonizador.

Os nativos passam a ser resistentes ao controle do colonizador, não se submetendo às suas vontades. Um exemplo é que os nativos não aceitavam trabalhar nos canaviais, que outrora eram regiões férteis que eles cultivavam. Isso obriga o colonizador a trazer mão de obra de outros países, o que possivelmente influenciara o imaginário havaiano acerca dos leprosos, uma vez que os nativos das ilhas do Havaí apontam a origem do mal de Lázaro aos povos cativos que os colonizadores estadunidenses trouxeram do oriente. Essa questão é evidenciada nos seguintes trechos:

- Sim! Falemos disso – respondeu Koolau. – Porque nos negávamos a cultivar os grandes campos de cana de açúcar, onde pastavam outrora os nossos cavalos, os brancos foram buscar, muito longe, além do mar, os escravos chineses. Com eles, veio o mal que sofremos e por motivos do qual querem prender-nos na ilha Molokai. Mas, nós nascemos em Kanai. Conhecemos tôdas as outras ilhas: Oahu, Mani, Hawai. Mas, sempre retornamos a Kanai. Porque nós a queremos, porque aqui nascemos, porque aqui vivemos e aqui morreremos, a não ser que... [...] A enfermidade não a trouxemos nós. Não cometemos crime algum. Os que divulgam a palavra de Deus e o rum trouxeram-nos a lepra com os cules, que vieram cultivar a terra roubada. Eu fui juiz. Conheço a justiça e as leis e afirmo que é iniquidade dominar um homem, contagiá-lo com o mal chinês e depois prendê-lo durante o resto da sua vida. (LONDON, 1961, p. 279-280).

Koolau aponta que os colonizadores se viram obrigados a buscar mão de obra externa à ilha, já que os nativos se negavam a cultivar os campos, que antes eram deles. Ainda segundo Koolau, os povos escravizados do oriente trouxeram consigo a lepra, o mal que os assola, e tal fato é apresentado em dois momentos durante o conto. No imaginário judaico-cristão, o leproso é visto como impuro, pecador, um ser maculado pela chaga, amaldiçoado pela cólera divina,

[...] a doença é explicada como uma espécie castigo ou maldição, enviada para punir o pecado cometido, enquanto que a cura é vista como um sinal da graça divina que, por via de regra, era alcançada por meio do arrependimento (MONTEIRO, 2012, p. 85).

Logo, o corpo considerado impuro materializa a transgressão do homem, ou seja, o corpo deformado exterioriza a deformação da alma. A igreja relaciona a doença ao pecado, uma vez que o corpo materializa o pecado e, assim, os leprosos seriam pecadores explícitos e a principal representação da classe de pecadores, pois os seus pecados são nítidos na carne.

Entretanto, há um apagamento do discurso religioso ou que remeta à visão judaico-cristã acerca da doença, visto que Koolau expõe que ele e seus companheiros não cometeram nenhum crime, pelo contrário, eles são vítimas das ações dos colonizadores, em razão de que foram esses últimos que trouxeram a doença quando importaram mão de obra escravizada do oriente. Ou seja, a doença é fruto da estrutura econômica imposta pelo poder colonial estadunidense, e Molokai é uma prisão para quem não cometera nenhum crime, mas para quem estava sendo punido em virtude de ações de terceiros. Deveras, os nativos estão sofrendo com as ações dos estrangeiros que vieram explorar as suas terras. Mesmo havendo o apagamento do discurso religioso acerca da doença, os protocolos de tratamento social dos doentes, a segregação, são os mesmos adotados na cultura judaico-cristã.

Retomando o início da narrativa, após a fala de Koolau, o leitor tem acesso a uma série de descrições estéticas dos corpos dos membros da comunidade de leprosos na qual Koolau está inserido.

Koolau nada mais disse. Levantou a mão e, com os dedos nodosos e torcidos, sacudiu a grinalda de flores. A lua banhava a cena com os seus raios de prata. Era uma noite tranquila. Mas, os que escutavam Koolau, fazendo círculo em torno dele, tinham o aspecto de guerreiros abandonados, num campo de batalha.

Seus rostos lembravam os dos leões. Um, no lugar em que devia estar o nariz, tinha um buraco. Outro exibia um coto do que fora uma das mãos. Eram trinta despojos humanos, homens e mulheres carregando consigo o estigma da ignorância e de um mal sabidamente incurável.

Adornados de flores, conservavam-se ajoelhados, na noite luminosa e perfumada. De seus lábios, brotavam estranhos sons, e suas gargantas emitiam cavernosos ruídos para aprovar o discurso de Koolau.

Aquelas criaturas já não se assemelhavam a homens ou a mulheres. Eram monstros, no rosto e no corpo, grotescas caricaturas da humanidade...

Atrozmente mutilados e disformes, mais pareciam egressos do inferno, depois de milênios de torturas. As mãos, quando ainda as tinham, pareciam obra de um criador que, em um acesso de loucura, as houvesse deformado com seus dedos terríveis, e deixara, aqui e ali, traços inacabados, como os daquela mulher, que vertia lágrimas ardentes pelos dois orifícios em que deviam estar os olhos... Muitos sofriam o profundo martírio e exalavam gemidos torturantes. Outros, ao tossir, produziam um ruído como o de um pano que se rasga. Depois, privados da razão, ofereciam o medonho aspecto de dois grandes símios, ao lado dos quais um mono parecia um anjo... Articulavam palavras incoerentes, a fronte coroada com flores murchas. Um deles, com um lóbulo da orelha hipertrofiado, caindo-lhe sobre o ombro como um leque, adornara o órgão monstruoso com um esplêndido ramo de flores de laranjeira, que se movia a cada gesto... (LONDON, 1961, p. 277-278).

O fragmento acima apresenta uma série de descrições do corpo leproso. Há uma recorrência nas caracterizações dos corpos; eles estão fora da norma, em virtude dos seus excessos (dedos nodosos e torcidos, lóbulo da orelha hipertrofiado) e/ou de suas ausências (ausência de mãos e narizes). A ausência de partes do corpo ou a sua hiperplasia suscita medo, tornando-o anormal, fazendo-o fugir à norma.

Como o leproso tem seu corpo deformado pela doença, ele passa a constituir-se socialmente como um ser abjeto, sendo levado, ou empurrado, a viver nas margens. Para Julia Kristeva, em *Pouvoirs de l'horreur: essai sur l'abjection* (1980), desde as mais antigas sociedades, não é tanto a falta de higiene ou de saúde que deflagra a abjeção e desencadeia a exclusão, mas a sensação de que algo abala a ordem, a identidade e a vida. A abjeção engloba, assim, aqueles que não respeitam as fronteiras, os espaços e as normas.

Em *Os anormais* (2001), Michel Foucault afirma que a prática da exclusão social “[...] comportava primeiro uma divisão rigorosa, um distanciamento, uma regra de não-contato entre um indivíduo (ou um grupo de indivíduos) e outro” (FOUCAULT, 2001, p. 54). Os indivíduos contaminados deviam ficar fora dos limites da comunidade, além dos muros, em um espaço de rejeição e trevas. Tal rejeição era desencadeada pela desqualificação do sujeito, não só de ordem moral, mas principalmente jurídica e política. O doente passa a ser um zumbi, um morto-vivo:

A doença era uma condição em que ‘os vivos’ estavam ‘quase mortos’. Em sua narrativa, a lepra quebra os binários entre a vida e a morte e o humano e o monstro² (AHUJA, 2007, p. 20, tradução nossa).

O leproso não está vivo, pois está sem os seus direitos e é renegado pelo Estado, mas também não está morto, visto que ele pode andar, falar e conversar. Ele é um morto institucionalizado. Portanto, ele não pode ser classificado de acordo com as categorias existentes.

Nesse sentido, o corpo do leproso está deslocado e não se encaixa na norma; ele se enquadra no espaço da dessemelhança e da não-identidade, violando, assim, categorias culturais; ele esfacela normas e modelos que as instituições de poder impõem como padrão. Desse modo, o corpo do leproso pode ser lido à luz do monstruoso, conforme pontuado por Jeffrey Jerome Cohen em *A cultura dos monstros: sete teses* (2000). Como já dito, o portador do bacilo de Hansen é um arauto de crises de categorias, um ser híbrido (mortos-vivos) que perturba e desestabiliza pelas suas diferenças, ausências e excessos, o que impossibilita colocá-lo em uma categoria ou grupo que não o de “outros”, o de “não pertencente” ou o “de fora”, tornando-os, como qualquer outro monstro, um ser “[...] perigoso, uma forma — suspensa entre formas — que ameaça explodir toda e qualquer distinção” (COHEN, 2000, p. 30).

O corpo é um espaço que suscita uma inquietação quando foge à norma, ou seja, quando é monstruoso. Corpos monstruosos permeiam o nosso imaginário desde a Antiguidade, tendo a sua gama se ampliado com o passar do tempo. Vale ressaltar que o corpo do leproso se caracteriza pelas anomalias físicas, o que o faz uma testemunha importante da história do corpo (LE GOFF et al., 2018, p. 148-149). Ele suscita medo, em virtude das suas transformações, quando comparado com um corpo sadio.

Como pode ser visto, os leprosos construídos por Jack London são seres monstruosos que suscitam repulsa e desejo, repudiam e atraem, pois o monstro está constantemente relacionado a práticas tidas como proibidas, visto que

[...] as mesmas criaturas que aterrorizam e interditam podem evocar fortes fantasias escapistas; a ligação da monstruosidade com o proibido torna o monstro ainda mais atraente como uma fuga temporária da imposição. Esse

² No original: “The disease was a condition in which ‘the living’ were ‘well-nigh dead’. In his narrative, leprosy breaks binaries between life and death and human and monster”.

movimento simultâneo de repulsão e atração, [está] situado no centro da composição do monstro. (COHEN, 2000, p. 48)

O fragmento a seguir ilustra tal situação:

O amor transpareceu em cada um de seus movimentos. E logo apareceu junto a êle uma mulher, cujos quadris fortes e seios eretos eram um luminoso contraste com a miséria do rosto devorado pela lepra. Rara dança macabra, feita de um supremo anseio de vida, conduzido pela força do amor!

Um cego não cessava de soluçar a sua mágoa sonora, enquanto os bailarinos giravam, na noite tépida.

As vasilhas ainda circularam de mão em mão, até que todos os cérebros ficaram repletos de alvoroçadas recordações, palpitações como larvas.

Depois, uma jovem esbelta, de rosto perfeito e são, em cujos braços a doença já lançava suas sombras tétricas, iniciou uma dança dolente. (LONDON, 1961, p. 281).

Nizia Villaça, em “Sujeito/abjeto” (2006), aponta que o monstro tomado como um ser abjeto, ao mesmo tempo que ameaça, ele atrai. Trata-se de um corpo com propensão à metamorfose, de um espaço que se transforma em virtude da doença, fomentando o pânico de se tornar esse outro, de se tornar esse ser excluído. Um fato deveras interessante acerca do fragmento acima, que contrasta com o fragmento apresentado anteriormente acerca da descrição dos corpos leprosos, é a erotização. No fragmento extraído das páginas 277 e 278, o corpo do leproso é despido de sexualidade, dialogando com o grotesco, enquanto no fragmento da página 281, o corpo dançando torna-se erótico, evocando uma aura de desejo. O corpo leproso que gera repulsa por suas ausências, por fugir ao parâmetro daquilo que é tido como sadio, inteiro, puro e sem transgressão, engendra desejo entre os seus pares e entre os seus diferentes, em virtude da dança composta por movimentos livres e sensuais que executam à luz do luar.

Essa mudança comportamental é possível graças a uma alucinação induzida pelo consumo de uma bebida alucinógena produzida a partir das raízes da planta “ti”. A bebida restitui-lhes, momentaneamente, o pensamento de que eles são humanos (no sentido sexual) novamente, “[...] a droga induz uma perda de memória histórica, devolvendo aos fugitivos suas identidades sexuais, se não os corpos pré-lepra aos quais o gênero normativo deve se vincular”³ (AHUJA, 2007, p. 22, tradução nossa). Por uma

³ No original: “The drug induces a loss of historical memory, returning the fugitives their sex identities if not the pre-leprous bodies to which normative gendering must attach”.

noite, o foco não é o que lhe falta, mas aquilo que eles ainda possuem. A bebida alcoólica faz com que não se “veja” as ausências e que aflore os instintos mais primitivos e básicos do homem, principalmente os relacionados ao desejo e ao sexo. Em “Pelo caiapó velho”, de Hugo de Carvalho Ramos, o narrador do conto, após beber algumas doses de pinga, sente desejo carnal pelo corpo de uma morfética, pois ele acaricia os braços e beija as bochechas da mulher.

Cohen (2000) aponta que outra característica do ser monstruoso é que ele sempre escapa, para surgir ou ressurgir em um outro lugar ou época. No conto de London, tal fato é literal na última parte da narrativa, a qual retrata o desfecho de Koolau. Há ali a comprovação dessa ideia, pois ele escapa, por dois anos, das investidas dos perseguidores, uma vez que ele conhece muito bem o terreno ‘o qual habita, enquanto seus perseguidores não, como é apontado no excerto:

Ao meio-dia, o bombardeio recomeçou, e quando Koolau se retirou para os cumes, buscando esconderijos inacessíveis, os soldados perseguiram-no.

Durante seis semanas, foram-no desalojando dos vários refúgios, pelos caminhos abruptos. Quando se escondia na selva, enxotavam-no como a um coelho. Mas Koolau fazia sempre um círculo, voltando ao ponto de partida. Era impossível cercá-lo.

Depois de seis semanas, desistiram da perseguição. Soldados e policiais voltaram para Honolulu, e o vale de Kolahau continuou sob o domínio de Koolau, apesar de que, de tempos a tempo, algum “caçadores de cabeça” se aventuravam à caçada, o que lhes valeu grandes perdas.

Até que um dia, dois anos mais tarde, e pela última vez, Koolau estendeu-se entre as folhas de “ti” e as flores silvestres. (LONDON, 1961, p. 289).

O espaço que Koolau habita lhe é familiar, e, por isso, ele transita com liberdade e conhecimento, não sendo encurralado pelos soldados ou caçadores. Inicialmente, quando era perseguido pelos soldados que visavam prendê-lo para enviá-lo à ilha de Molokai ou matá-lo, Koolau não consegue fixar morada em um determinado lugar, em constante migração dentro da ilha, sempre a ressurgir em um outro ponto, até o momento de sua morte.

O lugar em que ele habita não lhe é hostil, pois o conhece, mas não é um espaço fértil, convidativo ou topofílico; é um espaço no qual ele e seus companheiros podem ser livres, mesmo tratando-se de um terreno acidental, irregular e inóspito, como visto no fragmento:

Koolau reinava sobre eles. Seu reino era constituído por um vale florido, cercado de rochas abruptas, nas quais as cabras pastavam. Três quartas partes do local estavam cercadas pelas rochas coloridas de luxuriante vegetação, fendidas pelas cavernas que serviam de refúgio aos súditos de Koolau. A parte restante era ocupada por um abismo onde, a uma profundidade vertiginosa, se distinguiam o cimo dos montes e das rochas de menos importância em cuja base espumava o Pacífico. Só um tempo excepcionalmente tranquilo permitia que um navio penetrasse na baía rochosa, que assinalava a entrada do vale de Kolabau. E somente um rude montanhês se aventuraria por ali; mas, independente de seu sangue frio, necessitaria de um perfeito conhecimento das veredas íngremes que as cabras percorriam.

É difícil conceber como aquêles punhado de ruínas humanas, que formavam o povo de Koolau, conseguira chegar pelas sendas tortuosas, àquele lugar quase inacessível. (LONDON, 1961, p. 278-279).

A descrição do espaço em que Koolau e os companheiros escondem-se dos policiais que querem os prender é simbólico. O primeiro dado apresentado é que ali é um vale florido, dando a ideia de que ali é um espaço topofílico, agradável, idílico e/ou receptivo, mas essa ideia é desconstruída logo em seguida, pois aponta-se que esse vale é cercado por “pedras abruptas, nas quais as cabras pastam” (LONDON, 1961, p. 278). O local onde esses animais ficam e se alimentam tem como características principais ser acidentado, irregular, de difícil acesso, com arbustos e pouca fertilidade em virtude das rochas, ou seja, inacessível para pessoas que não estão acostumadas com o terreno e com plantas que não crescem por causa do solo cheio de rochas e pedras.

A inexecutabilidade do cultivo do solo é marcada na narrativa, uma vez que o narrador aponta que três quartos do local eram tomados por rochas, reforçando a impossibilidade do acesso de desconhecidos ao acampamento do grupo e sendo, como o próprio narrador expõe, um refúgio. O restante do território é ocupado por um abismo, que simboliza tanto o começo como o fim do mundo, ao passo que também dialoga com o espaço do “buraco”, o qual é fonte de nulidade e de privação. A imagem do abismo está vinculada ao perigo, à insegurança e ao desconforto, na medida em que o chão se relaciona com a segurança e o apoio. O abismo é o oposto, em razão de não se conseguir enxergar/tocar o fundo; visualmente há a ausência do chão (OLIVEIRA, 2019). É recorrente em obras literárias o espaço do abismo ser utilizado como ponto de emboscada para captura de presa ou encurralar alguém. Esse fato é marcado no seguinte fragmento:

Koolau lançou um grunhido.

-Tu sabes muito bem que nunca te persegui – continuou o outro. – Mas queres aprisionar-me, para ganhar os mil dólares que vale a minha cabeça. Se tens amor à pele, não saias donde estás!

- Avançarei imediatamente e te agarrarei pelo pescoço. Lamento-te, mas tenho de cumprir o meu dever.

- Antes de passar, estarás morto.

Embora não fosse covarde, o xerife ficou indeciso. Sondou a profundidade do abismo, e mediu com os olhos o comprimento da crista que devia percorrer. Resolveu-se.

Novo silêncio.

- Não atires, Koolau! Irei já.

Fêz as últimas recomendações aos seus homens, e encaminhou-se para a ponte natural, que o levaria até Koolau. Seguiu lentamente, como se marchasse sobre uma corda retesada. As pedras esmigalhavam-se sob os seus pés, projetando-se no abismo. Sob o sol ardente, o suor escorria-lhe do rosto. Adiantando-se sempre, chegou ao meio da passagem.

- Alto! Um passo mais, eu disparo! – gritou Koolau.

Deteve-se, o xerife, oscilando no vácuo, para manter o equilíbrio. Pôs-se pálido, mas no olhar descobria-se a resolução. Umedeceu os lábios, antes de responder:

- Koolau: tu não atirarás sobre mim. Sei que não farás isso!

Tornou a avançar. Um estampido ecoou e uma bala fêz-lhe dar uma volta sobre si mesmo. Em seu rosto, apareceu uma expressão de lenta surpresa; e cambaleou, tratando de cair sobre o caminho. Nesse instante, a morte apertou-o nas garras, e o xerife voou para o abismo. (LONDON, 1961, p. 282-283).

Salta aos nossos olhos, neste trecho, as duas características do abismo: um ponto de emboscada para uma presa e um buraco que tudo engole. O xerife e seus subordinados chegam à entrada do abismo que leva ao refúgio de Koolau e seus companheiros, e o rei dos leprosos segura-os nesse espaço para que não avancem. A posição de Koolau em relação aos seus algozes é privilegiada, pois esses últimos não conhecem a região e têm a falsa sensação de terem encurralado os leprosos, que, na visão deles, não poderiam sair de seu refúgio, uma vez que eles ocuparam a única entrada que também funcionava como saída. No entanto, é Koolau que os coloca em uma situação de desconforto, visto que esses devem cruzar um estreito caminho para capturá-lo como também ficam sobre a mira das armas do leproso. O avanço do xerife o coloca na mira de Koolau, que atira no oficial, fazendo-o desequilibrar-se e cair no abismo. Isso revela a face glutônica do abismo, uma vez que devora a sua presa.

A partir da análise dos espaços que Koolau e seus súditos habitam, expomos que eles estão em espaços marginais, inóspitos, adversos e de difícil acesso; eles habitam as fronteiras. Esse espaço, como o que fica além dele, é tido como um espaço de alteridade, em que as regras da sociedade não se aplicam, pois o monstro é um ser que as infringe,

uma vez que Koolau e seus companheiros fogem à norma dos corpos tidos como sadios e escapam do braço da lei que os obriga a abandonar as suas terras para serem isolados em Molokai. Os espaços em que eles habitam são ameaçadores, já que representa o início de onde se finda a norma e se começa aquilo que lhe escapa.

Os leprosos do conto de Jack London são seres incomuns que habitavam um espaço ordinário, mas são expulsos em virtude de sua doença, não podendo transitar no meio, apenas nas margens ou além delas. Ao ingressar no território de Koolau, passa-se de um espaço familiar para um espaço perturbador, migra-se do explicável para o inexplicável, rompe-se limites. Isso porque “[...] o outro lado da linha abissal é um universo que se estende para além da legalidade e ilegalidade, para além da verdade e da falsidade” (SANTOS, 2010, p. 38).

Referências

- AHUJA, Neel. The contradictions of colonial dependency: Jack London, Leprosy, and Hawaiian annexation. **Journal of Literary Disability**, [s. l.], v. 1, n. 2, 2007, p. 15- 28.
- COHEN, Jeffrey Jerome. “A cultura dos monstros: sete teses”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KRISTEVA, Julia. **Pouvoirs de l’horreur: essai sur l’abjection**. Paris: Seuil, 1980.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- LONDON, Jack. “O rei dos leprosos”. In: PENTEADO, Jacob. **Obras Primas do Conto Fantástico**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961. p. 277-290.
- MONTEIRO, Yara Nogueira. “Imaginário sobre a Lepra e a Perpetuação dos Medos”. In: MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (orgs.). **As doenças e os medos sociais**. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012. p. 83-102.
- OLIVEIRA, Bruno Silva de. **Pelas brechas escuras do insólito: os espaços tofóbicos na literatura sertanista**. 2019. 240 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

VILLAÇA, Nizia. “Sujeito/objeto”. **Logos 25**: corpo e contemporaneidade, v. 13, n. 2, 2006, p. 73-84. Disponível em: [Sujeito/objeto | Villaça | Logos \(uerj.br\)](#). Acesso em: 09 de novembro de 2022.

Recebido em 28/04/2023.

Aprovado em 18/07/2023.